

PROFESSORES E ALUNOS COMO AGENTES DO PROCESSO INTERDISCIPLINAR



LOS MAESTROS Y ESTUDIANTES COMO AGENTES DE UN PROCESO INTERDISCIPLINARIO

TEACHERS AND STUDENTS AS AN INTERDISCIPLINARY PROCESS AGENTS

MARTHA LUCI SOZO
marjodos@gmail.com”
Universitária na ULBRA Campus
Gravataí RS. Brasil



Fecha de recepción: 24/11/2012
Fecha de corrección: 20/03/2012
Fecha de aceptación: 25/07/2012

Resumo

Estamos vivenciando no processo de educar e educar-se, a possibilidade de intercâmbio do conhecimento significativo entre professores de diversas áreas; bem como com os alunos. Faz-se necessário para tanto o exercício do diálogo, da comunicação, da discussão, para aprendermos na prática como se desenvolve o espírito crítico e criativo. Todo este processo nos permite compreender como se efetiva a interdisciplinaridade, necessária e coerente com a educação do século XXI.

Palavras Chave: processo interdisciplinar; educação, professor e aluno.

Resumen

Estamos viviendo en el proceso de educar y educar a ti mismo, la posibilidad de intercambio de conocimientos significativos entre profesores de diferentes áreas; así como con los estudiantes. Es necesario que la Oficina de comunicación, el diálogo, la discusión aprender en la práctica cómo desarrolla el espíritu crítico y creativo. Este proceso nos permite entender cómo eficaz la interdisciplinariedad, es necesaria y coherente con la educación del siglo XXI.

Palabras clave: proceso interdisciplinario, educación, maestro y estudiante.

Abstract

We are living in the process of educate others and educate yourself, the possibility of exchanging significant knowledge among teachers of different areas; as well as with the students. It is necessary that the Office of Communication, dialogue, discussion, learn in practice how to develop critical and creative spirit. This process allows us to understand how effective interdisciplinary, is necessary and consistent with the education of the 21st century.

Keywords: interdisciplinary process, education, teacher and student

INTRODUÇÃO



Uma das funções do professor é de ajudar a pensar. E isto se faz com questionamentos (não com questionários de perguntas e respostas iguais), mas com propostas de pesquisa e viabilização da prática.

Entretanto o aluno com seus conhecimentos, mesmo que empíricos, quando se propõe a continuar na busca do conhecimento – processo epistemológico – também ajuda o professor a pensar; acontece assim, o movimento interdisciplinar, porque o aluno terá que estabelecer as relações entre os saberes disponíveis em cada área do conhecimento, ou como passamos a chamar na última mudança curricular da nossa Instituição, entre os eixos estruturantes.

Qualquer mudança implica num tempo de assimilação, que requer estudo entre as leituras teóricas e as discussões da realidade à qual pertencemos.

Para tanto, faz-se necessário compreender desde a formação dos professores, aos aspectos culturais e étnicos dos nossos alunos. É preciso vivenciar, o que se deseja ensinar...

1. PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Os pressupostos filosóficos na formação dos professores estão ligados a idéias que dificilmente são traduzidas para a prática das escolas. Quando falamos em *Filosofia*, pressupomos um pensamento mais reflexivo, ou seja: *pensar o pensamento*.

Dizemos então que a função do mestre é suscitar no aluno a atividade do espírito crítico. E para que ser

crítico? Uma das razões é para emancipar o homem do senso comum.

Uma das falhas na educação (e por esta educação passam os professores), é o formalismo, o fazer tudo igual, procurando encaixar as pessoas dentro de normas e valores que interessam a uma estrutura social já formada. Todo professor foi um dia aluno, e por mais que queira inovar e mesmo criticar técnicas antigas, de certa forma reproduz o que lhe foi ensinado.

A filosofia como fundamento da unidade de proposta para formação de professores, estabelece as relações do homem em si em função da ciência, da técnica e da arte, articulando um sentido para o conhecimento, fortalecendo a educação no contexto sócio-político interativo.

Segundo Reboul (1984, p. 37): “Educar não é fabricar homens segundo modelo comum, é liberar, em cada homem, aquilo que o impede de ser ele mesmo, permitir-lhe realizar-se segundo seu gênio singular”.

A educação é um processo contínuo, ativo, participe de compreensão e de diálogo, que inicia na concepção do ser, pois a maneira como somos anunciados ao mundo, traz o primeiro registro de aceitação ou rejeição perante o mundo desconhecido. O corpo de um indivíduo é formado por partes, que interagem entre si para um bom funcionamento de todo organismo. Assim poderíamos esclarecer melhor o que é um processo interdisciplinar, cada professor é uma parte que precisa interagir em sintonia com os outros, para que aconteça a aprendizagem, e isto implica em emancipar o aluno do senso comum, trazendo-o para o mundo da pesquisa, e da investigação.

Uma corrente de grande influência na formação dos alunos, que hoje são professores, foi o Positivismo, (séc. XIX) que se destacou no campo de pensamento político com Benjamim Constant e Julio de Castilhos (discípulos de Comte), que defendia a idéia da necessidade de progresso. Para se ter progresso é importante que a sociedade seja heterônoma, e esta idéia era muito bem veiculada através da escola. A reprodução de idéias através dos livros didáticos que não levam os alunos ou professores a nenhuma reflexão, ou desenvolvimento de autonomia.

Se o que queremos dos alunos é criticidade, raciocínio lógico, coerência, então os professores terão que também passar por este exercício de reciprocidade moral e partilha com um grupo de estudos, que é o primeiro passo para que transformem a sala de aula, numa “comunidade de investigação”. (Comunidade de Investigação é uma expressão usada por Matthew Lipman, que estudou filosofia para crianças. Nela se expressa o significado das ações

que praticamos. Para tanto, a aula é composta da teoria do conhecimento, como também do reconhecimento entre as pessoas, ou seja, importar-se com as pessoas do outro, ajudá-lo a descobrir suas competências, habilidades e aprimorar suas atitudes.)

A preparação de professores para ensinar a pensar encaminha-os para o reconhecimento de uma discussão filosófica ou não. A discussão filosófica tem uma linha de investigação que conduz à descoberta de razões e fundamentos, e principalmente contribui para a mudança de conceitos que já não servem ou não se adaptam a determinadas circunstâncias.

Quem poderá ensinar o professor a pensar melhor?

Certamente o resgate do estudo de filosofia com enfoque dos projetos trazidos pela modernidade. Um deles é trazido pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, que trata da valorização da razão crítica no sentido de obter a emancipação do homem da ideologia e da dominação política.

Para ensinar a pensar filosoficamente, o professor também precisa pensar na pergunta que faz. É muito fácil fazer qualquer pergunta e iludir-se com o fato de ser um professor questionador e que por isso, seus alunos irão desenvolver um pensamento filosófico.

Se o pensar filosófico se caracteriza pela investigação e acréscimo de conhecimento, o perguntar filosófico, não só está no mesmo nível, mas pode ser visto como sua origem desencadeadora.

O pensar filosófico é monitorado por questionamentos, com a intenção de se traduzir em ações práticas; vem fazer refletir também sobre as pessoas: como vivemos, como nos tratamos, a que valores damos mais significado.

“El destino de cada humano no es la cultura, ni siquiera estrictamente la sociedad em cuanto institución, sino los semejantes. Y precisamente la lección fundamental de la educación no puede venir más que a corroborar este punto básico y debe partir de él para transmitir los saberes humanamente relevantes” (Savater, 2001, p. 31).

Compreendemos no pensamento deste autor, que o nosso tempo, que o ser humano do século XXI, não pode ser detentor de um conhecimento apenas técnico, ou de uma teoria decorada, há que se transmitir saberes humanamente relevantes. Teremos que pensar e incluir nos conteúdos a vivência que permeia as necessidades do corpo, da mente e do espírito.

Esta nova educação, não é feita apenas pelos pedagogos, mas por todo aquele que sendo mestre ajuda

a delinear o destino dos seus discípulos. Esta educação e este educador, percebem o ser humano dotado de inteligência, racionalidade e emotividade. Inteligência enquanto capacidade de buscar conhecer sempre mais, racionalidade enquanto busca de educar-se para a comunicação e o entendimento entre os seres humanos, e emotividade enquanto capacidade de se admirar com o que vai além do imediato e das aparências. E isto, professores e alunos, ou mestres e discípulos poderão fazê-lo, pois o mestre assim poderá tornar-se quando efetiva sua prática interagindo com seus discípulos.

“Os exames escolares, em que nos medimos com colegas, com professores, segundo regras bem definidas, feitas para tranquilizar o bom aluno e não para o inquietar, dão lugar a outro exame, mais implacável porque põe o candidato a mestre frente a frente com sua própria existência. Somente aquele que tudo obteve de si mesmo, poderá exigir muito dos outros” (Gusdorf, 1995, p. 87). Portanto, a formação contínua dos professores, sua prática e competência é que poderão traduzi-lo num mestre. Esta formação precisa ser transdisciplinada pela coerência entre o pensar, sentir, e expressar, que se traduzem nas idéias trazidas pelo sentimento de uma necessidade e que carece da expressão criativa e crítica de cada um, para se efetivar numa prática docente e discente.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso e observo que vivemos num tempo de pressa, que queremos garantir o futuro e tantas outras buscas. Porém, se perguntássemos porque temos pressa, para onde estamos correndo, provavelmente não encontraríamos a resposta. Falamos muito no respeito pelas diferenças, mas continuamos arraigados a velhos conceitos, que por ora se transformam em preconceitos. Chegamos na era do acesso a quase tudo pelo mundo da matéria, mas é preciso dar-se conta que carecemos do mundo do espírito, da compreensão de quem somos nós e quem são os outros e que apesar de tudo, precisamos muito uns dos outros.

Então, a sala de aula continuará sendo um “ponto de encontro”, e mesmo que continue no seu formato quadrado, é importante que possamos disponibilizar o grupo para que sente em círculo, diga seu nome quando vai falar e que se estabeleça o diálogo.

Mas o que é dialogar?

Martin Buber diz que: “O diálogo apresenta-se como um discurso onde cada um dos participantes realmente tem em mente o outro, ou os outros, considerando-os em relação à sua existência específica e presente, onde se voltam para eles com a intenção de estabelecer uma relação mútua estimulante entre ele próprio e os outros.

A ligação do diálogo por um lado , e com a comunidade, pelo outro” (Lipmann, 1995 p. 341).

Assim, é possível aprender com a idéia do outro , não deixamos de ter nosso pensar, mas acrescentamos ao nosso conhecimento aquilo que o outro pensou e transformamos a sala de aula em “comunidade investigação”, onde a pesquisa contribui e efetiva o processo interdisciplinar e quando além do conhecimento , também nos importamos com a pessoas do outro, estabelecemos um processo transdisciplinar.

Na Prática da sala de aula. Toda mudança provoca o movimento de desacomodar-se, o que gera angústia, mas também a perspectiva de fazer melhor. O critério estabelecido pela Universidade norteada pelos pareceres do MEC, passou a chamar as “disciplinas” de “componentes curriculares” e eixos temáticos.

Nos reunimos com a intenção de agregarmos nosso conhecimento e nossa vontade, para que nossos alunos internalizassem o processo interdisciplinar. Nós professores, descobrimos a necessidade de dialogar mais , de preparar as aulas em conjunto, de encontrar-se antes e depois das aulas, de estabelecer comunicação durante a semana, de saber o nome dos nossos “discípulos”.

Os conteúdos pertinentes a cada eixo, entrelaçados com a prática, ajudando o aluno a pensar em sua vida, em sua família, em seu trabalho e no contexto social onde está convivendo.

Falo agora especificamente do Eixo de Fundamentos da Ação Pedagógica II, onde ministrei aulas. Os alunos se surpreenderam com o fato de dizer seu nome toda vez que manifestassem suas idéias em aula e a seguir comentaram: “Até no corredor ou nas escadas, ou no bar, sinto-me melhor em saber o nome dos colegas, do que me referir a eles mesmo na sala de aula, dizendo: o colega.”

Segundo ponto: na primeira prova de avaliação (G1) Solicitei a todos que lessem um livro, de sua livre escolha. Descobrimos a falta de hábito para leitura, porque não sabemos ler, não compreendemos o que estamos lendo. Então propus o que chamo de leitura filosófica:

- 1 - Saber o significado das palavras
- 2 – Qual a idéia do autor
- 3 – O que me faz pensar?
- 4 – Que relação tem com outros textos que já li?
- 5 – Que perguntas surgiram durante a leitura?
- 6 – Como relaciono com a prática cotidiana?

A seguir , a apresentação foi no auditório, onde usaram a tribuna e o microfone para falar sobre a leitura feita. Nenhum aluno era “obrigado” a se apresentar, pois muitos diziam que eram tímidos, que nunca tinham falado ao microfone. Porém, começando pelos mais corajosos, ou por aquele que queriam testar o próprio medo, todos se apresentaram e aplaudiram a capacidade de vencer os próprios medos e de aprender muito com a diversidade de temas apresentados, visto que a escolha do livro não foi dirigida.

O intercâmbio com a professora que também trabalhava neste “eixo temático”, também foi significativo, o bom senso, o bom humor perante as trocas e a constatação do aprendizado dos nossos alunos.

Por fim, a última avaliação, chamada de G2. Incomodava-me após um processo tão dinâmico de uma turma tão coesa e criativa em suas apresentações, fazer uma avaliação com perguntas e respostas (estas que seriam mais ou menos iguais) . Chegamos na sala de aula e perguntei quem não estava se sentindo bem, quem tinha passado a noite anterior estudando? Alguns risos, outros rostos levemente angustiados, propus uma breve dinâmica de relaxamento e então vamos à prova: - Pensem agora numa pessoa que vocês gostam muito... vamos escrever uma carta para esta pessoa, contando tudo o que aprendemos em nossas aulas , desde o primeiro dia, fazendo referência e citando conteúdos teóricos que efetivamente lhes trouxeram ajuda e aprendizado para a prática.

Resultado? Longas e surpreendentes cartas, escritas com o pensamento voltado para a teoria e o coração voltado para o aprendizado. Por isso, “Educar exige: alegria, competência e responsabilidade” (Paulo Freire). Hoje, também entendida como: Competência, Habilidades e Atitudes. E a certeza de que professores e alunos efetivam no conhecimento o processo interdisciplinar e nas relações humanas, um processo transdisciplinar. ©

Martha Luci Sozo, Pedagoga, Mestre em Educação – em Filosofia para Crianças, Coordenadora do Curso de Pedagogia ULBRA Gravataí e Profª de Fundamentos da Ação Pedagógica.

BIBLIOGRAFIA

- Gusdorf, Georges. (1995). *Professores para quê?* São Paulo (Brasil): Editora Martins Fontes.
- Lipmann, Matthew. (1995). *O Pensar na Educação*. RJ (Brasil). Ed Vozes, Petrópolis.
- Lipmann, Matthew. (2000). *Filosofia na Sala de Aula*. São Paulo (Brasil): Ed. Nova Alexandria.
- Perin, Martha Sozo. (2003). *O Pensar que Redimensiona a Educação*. Porto Alegre (Portugal): Editora Alcance.
- Pourtois, Jean Pierre. (1997). *A Educação Pós-Moderna*. Lisboa (Portugal): Ed. Horizontes Pedagógicos.- Instituto Piaget.
- Savater, Fernando. (2001). *El valor de Educar*. Barcelona (Espanha): Ed. Ariel, 14ª edición.
-



LA HORMONA DEL AMOR SE DISPARA EN AGOSTO, SEGÚN ESTUDIO

La principal hormona del amor y del deseo sexual, la testosterona, aumenta cuando el día es más largo, es decir en verano, y alcanza el nivel más alto en el mes de agosto.

Es por ello que los «amores de verano» tienen una base científica y así lo han demostrado investigadores como Cindy Hazan, de la Universidad de Cornell de Nueva York, y Helen Fisher, de la Universidad de Rutgers, en Nueva Jersey, al descifrar de una manera concluyente que el enamoramiento tiene un fundamento biológico.

Es sabido que nuestras hormonas influyen decisivamente en nuestro comportamiento y, cómo no, también en las emociones amorosas», ha explicado a Efe Isabel Menéndez Benavente, psicóloga clínica especializada en infancia y juventud.

En verano existen además diferentes variables para que actúe Cupido. Es época de vacaciones, salimos más, interactuamos, las fiestas nocturnas, el alcohol, el calor y todo ello favorece que nos sintamos más propicios a establecer una relación», ha apuntado.

No obstante, hay factores empíricos que es importante no obviar porque cuando hay más luz se segregan más hormonas y la del amor, la testosterona, aumenta cuando el día es más largo. De hecho, comienza a incrementarse en

Continúa en la pág.310

educere

La Revista Venezolana de Educación

EDUCERE es la revista
venezolana de educación
más consultada
y descargada
de los repositorios
institucionales
del país y de México

CONSÚLTELA Y DESCÁRGUELA
GRATUITAMENTE

www.human.ula.ve/adocente/educere
www.redalyc.com



*Facultad de Humanidades
Universidad de Los Andes
Merida Venezuela*